

**A MODULAÇÃO HESITANTE DOS SIGNOS:
VALÉRY E O SIMBOLISMO RELIDO
POR MANIGLIER¹**

**THE HESITANT MODULATION OF SIGNS:
VALÉRY AND THE SYMBOLISM REREAD
BY MANIGLIER**

Fábio Roberto Lucas²

Resumo: Trata-se de reler a poética de Paul Valéry em diálogo com outra releitura, a que Patrice Maniglier faz do legado simbolista da linguística estrutural saussuriana em seu livro *La Vie énigmatique des signes*. Assim, espera-se observar mais precisamente a ideia e o ato de *modulação* concebida por Valéry em seus *cahiers*, bem como desdobrar as implicações poéticas e políticas da *equivocidade* ontológica do signo, tal como ela é exposta por Maniglier.

Palavras-chave: Paul Valéry; Patrice Maniglier; modulação.

Abstract: This is a re-reading of Paul Valéry's poetics made in dialogue with another re-reading, the one that Patrice Maniglier, in his book *La Vie énigmatique des signes*, makes of the symbolist heritage in Saussure's structural linguistics. We thus expect to observe more precisely the idea and the act of the *modulation* conceived by Valéry in his *cahiers*, as well as to expose the poetic and political implications of the ontological *equivocity* of the sign, as it is explained by Maniglier.

Keywords: Paul Valéry; Patrice Maniglier; Modulation.

1 O artigo é uma versão resumida da discussão encontrada em Lucas (2018, pp. 120-163), tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, USP/FFLCH, em 2018.

2 Pós-doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (Bolsa PNPd/Capes; processo n. 88887.313503/2019-00): <fabio.lucas@usp.br>.

[...] meu “sonho de poeta” teria sido o de compor um discurso – uma fala [parole] de modulações e de relações internas – nas quais o físico, o psíquico e as convenções da linguagem pudessem combinar seus recursos. Com tais divisões e mudanças de tom bem definidas.

Mas, *de fato, quem* fala em um poema? Mallarmé queria que fosse a Linguagem ela mesma.

Para mim – seria – o Ser vivente E pensante (*contraste, isso*) – e levando a consciência de si à captura de sua sensibilidade – desenvolvendo as propriedades desta em seus implexos – ressonâncias, simetrias etc. – sobre a corda da voz. Em suma, a Linguagem saída da voz, mais do que a voz da Linguagem (VALÉRY, 1974a, p. 293).³

Escrito em 1939, esse trecho dos *cahiers* de Valéry reúne em suas poucas linhas dilemas intensamente presentes no percurso da recepção crítica da obra do escritor, em especial a parte relativa à afirmação de uma poética do *ser vivente E pensante* – cuja Linguagem viria da voz – mais do que [plutôt que] uma poética impessoal e formalista, que visaria a voz da própria Linguagem, ali atribuída a Mallarmé, mas também muito ligada ao *scriptor* desse mesmo texto. Com a paulatina publicação e difusão dos *cahiers* valerianos já a partir dos anos 1950, e mais intensamente a partir dos anos 1970, essas atribuições têm se revelado cada vez mais complicadas e nuançadas. Afinal, a passagem entre essas duas poéticas é intrincada, desafia a interpretação, suscita variadas reações: ao longo dos anos, ela tanto foi deixada de lado, como se não trouxesse nada que valesse a pena considerar (CAMPOS, 2011, p. 91), quanto foi tomada como gesto de total ruptura, como se os *cahiers* de Valéry revelassem um poeta subjetivo, o oposto daquilo que o escritor teorizou publicamente quando vivo (STIMPSON, 1998).

³ “[...] ‘mon rêve de poète’ eût été de composer un discours – une parole de modulations et de relations internes – dans laquelle le physique, le psychique et les conventions du langage pussent combiner leurs ressources./ Mais, *au fait, qui* parle dans un poème? Mallarmé voulait que ce fût le Langage lui-même./ Pour moi – ce serait – l’Être vivant ET pensant (*contraste, ceci*) – et poussant la conscience de soi à la capture de sa sensibilité – développant les propriétés d’icelle dans leurs implexes – résonances, symétries etc. – sur la corde de la voix. En somme, le Langage issu de la voix, plutôt que la voix du Langage”. Salvo menção contrária, todas as traduções são de minha responsabilidade. Nos trechos dos *Cahiers*, os itálicos são grifos feitos pelo próprio Valéry, os sublinhados são grifos nossos.

O dilema se intensifica quando relembremos, com William Marx, que a posição de Valéry no campo literário francês a partir dos anos 1920 é inseparável de seu esforço de defender o que seria uma poética formalista não apenas sua, mas da tradição Poe-Baudelaire-Mallarmé. Vinculando a própria prática artística àqueles três grandes poetas do século XIX, o autor dos “Etudes littéraires” de *Variété* (1957b, pp. 427-1.153) torna-se, assim, grande responsável pela difusão dos pontos-chave do que hoje chamaríamos de *vulgata* do formalismo em literatura: autonomia, autorregulação e distinção das criações literárias. Ora, nesse ponto, a escrita diária e pessoal dos *cahiers*, realizada entre 1894 e 1945, viria elaborar aos poucos os eixos de uma poética *nem oposta, nem justaposta*, mas *heterogênea* àquela legível nos textos publicados (MARX, 2002, pp. 128-339; 2011, [s.p.]).

Assim, a imensurável massa dos *cahiers* – que Valéry procurou durante décadas organizar e publicar, sem jamais conseguir⁴ – foram estabelecendo ao longo do tempo diferentes modos de sobredeterminar e manter em tensão mútua os limites entre escrita pública e privada. Estaríamos, portanto, diante da conjugação esquivada e equívoca de uma poética ao mesmo tempo *dupla*, pois cindida em dois lados (poética da forma *com* poética do ser “vivente E pensante”) e também *inacabada*, pois continuamente premiada pela irreduzibilidade de seus dois vetores heterogêneos (MARX, 2011). Vale notar o que significa essa heterogeneidade: se a poética dos *cahiers* não chega a negar a formalista – mesmo que seja para extrair um elemento contraditório e depois expor a possibilidade ou impossibilidade de reconciliação entre eles – nem a complementá-la – como se fosse caso de revelar níveis avançados e esotéricos de uma mesma doutrina poética, é porque ela simplesmente se implica no mesmo problema, pensando-o, porém, com outros conceitos – implexo, modulação, harmônicos, série corpo-espírito-mundo etc. –, outros instrumentos, outro nível de precisão e, sobretudo, com uma *escala de grandeza diferente*.

Como compreender essa passagem entre maneiras de ver heterogêneas em suas linguagens e níveis escalares? Aqui, seria talvez interessante retomar o outro trecho do fragmento transcrito, aquele no qual o “sonho de poeta” é vinculado ao desejo de criar um poema de *modulações* entre recursos físicos, psíquicos e convencionais (ou seja, entre vetores da série

⁴ São mais de 260 cadernos de manuscritos e datiloscritos, cuja edição fac-símile, publicada pelo CNRS em 29 volumes entre 1957 e 1961, tem por volta de 30 mil páginas (cf. VALÉRY, 1974a, pp. 1.373-1.415).

corpo-espírito-mundo – VALÉRY, 1974b, p. 300). Com efeito, a *modulação* nomeia uma espécie de limite da escritura e do pensamento valeriano, um desejo que os mobiliza, um segredo cuja opacidade confessa e irreduzível os inquieta, isso já desde os manuscritos da *Introdução ao método* de Leonardo da Vinci, em 1893 (JALLAT, 1982, pp. 344-356), até os últimos *cahiers* (XXIX, p. 91, 1944):⁵ “passagens e modulações: o segredo mais fino da arte [...] Esse problema é profundo [...], [trata-se] da oposição e combinação da *construção* com a *formação* (cf. *signi[ficativo]* e *formal*. Ainda não (após 44 anos) me desembarcei dessa questão” (VALÉRY, 1974b, p. 1.040, 1937).⁶

Diante dessa dificuldade, propomos seguir as modulações da escritura valeriana até o ponto em que elas afetam o pensamento do poeta acerca das relações entre natureza e cultura, as combinações virtuais da *ação* com a *matéria* que tem lugar no espaçamento em ato de *limiaries* e *transições* simultaneamente *significativos* e *formais*, zona na qual as ligações entre os polos habitualmente ativo e passivo dos regimes de sensibilidade e de pensamento são desierarquizadas, tensionadas numa proximidade nem interior nem exterior, acoplando uma boca que escuta, um ouvido que fala, uma olho que escreve, uma mão que lê (VI, p. 823; XXIX, p. 200; VALÉRY, 1957b, p. 547; cf. ZULAR, 2014).

Essas trocas recíprocas e *musicais* entre os acontecimentos da vida interior e os acontecimentos da vida exterior levariam as fronteiras entre corpo e linguagem, voz e pensamento a hesitarem prolongadamente. Como mostra Brian Stimpson (1993), talvez o leitor que se debruçou mais detidamente sobre a *modulação* na/da escritura valeriana, esse operador poético-conceitual é constituído junto à relação de encanto e reserva que o poeta tinha com a música. As transições de tons e acordes musicais oferecem a Valéry (1974a, p. 1.310) o modelo para pensar um universo de reciprocidade entre ato e sensação, de desierarquização entre causa e efeito, pois não é possível escutar um grupo de sons sem produzir por sua vez um acontecimento que partilha de sua ressonância,

5 Tal como é comum na fortuna crítica de Valéry, os algarismos romanos indicam os volumes da edição fac-símile dos *Cahiers*, e a data após a página indica o ano em que o trecho foi escrito.

6 “[...] passages et modulations – le secret le plus fin de l’art [...] ce problème est profond [...] de l’opposition et combinaison de la *construction* avec la *formation* (cf. *significatif*) et *formel*. Je n’ai pas encore (après 44 ans) débrouillé cette affaire.”

de seu contágio.⁷ Não há escuta que não seja ativa, e soar é sempre-já ressoar, vibrar em si e fora de si, nos termos do valeriano livro *À l'Écoute* de Jean-Luc Nancy (2002, pp. 14-44). Por meio da modulação, o poeta tenta reconstituir a musicalidade dessas combinações recíprocas dentro do universo do discurso. Para tanto, veremos que sua reflexão sobre o *ritmo* espaçará o solo de uma dança que faz hesitarem os limites entre o dentro e o fora, a escuta e a emissão sonora, modulando também limiares entre o contínuo e o discreto.

II

Afinal, para que seja possível perceber um ritmo, a regularidade ou assimetria de dois ou mais golpes de percussão externos, é preciso associá-los a uma resposta sensorial ou psíquica interna que, por sua vez, também repercutirá sua série em contágio. Somente a partir dessa associação de séries heterogêneas se percebe um ritmo, e não há sequência rítmica que não seja desde sempre a implicação de uma emissão e de uma escuta – cada uma delas com seus meios, materiais, expectativas e memórias heterogêneas – em uma interação ao longo da qual as duas séries se equivocam em resposta e demanda.

Os golpes percutidos não devem se representar por pontos em uma linha, mas por um ciclo cujos “arcos” são *tensões e distensões*. Cada golpe (após o 2º ou 3º) engendra *uma espera ou demanda* tal que o golpe seguinte é ao mesmo tempo produzido pelo acontecimento e por *eu-resposta* [...] Cada golpe torna-se resposta e demanda (VALÉRY, 1974a, p. 1.350).⁸

Ritmo há quando se observa “a coincidência de acontecimentos percebidos ou produzidos com acontecimentos de outro gênero produzidos ou percebidos” (VALÉRY, 1974a, p. 1.340).⁹ *Será justamente nessa heterogeneidade entre as séries associadas* que a poética dupla

7 Veremos ao longo do artigo que a modulação valeryana excede o sentido musical desse termo em sua acepção mais simples, de transição sucessiva, temporal, entre os tons de diferentes partes de uma obra, para ser pensada como passagem hesitante, sucessiva e simultânea, entre as camadas heterogêneas do ato poético (cf. JALLAT, 1982, p. 345).

8 “Les coups frappés ne doivent pas se représenter par des points sur une ligne, mais par un cycle dont les ‘arcs’ sont *attentes et détente*. Chaque coup (après le 2^{me} ou 3^{me}) engendre *une attente ou demande* telle que le coup suivant est à la fois produit par l’événement et par *moi-réponse*. [...] Chaque coup devient réponse et demande.” Cf. também Valéry (1974a, p. 1.040).

9 “[...] la coïncidence des événements perçus ou produits avec des événements d’autre genre produits ou perçus”.

e inacabada de Valéry (1957a, p. 1351) buscará a latência do acaso, a hesitação entre o arbitrário e o necessário que prolonga o ato poético, na *contradição*¹⁰ de “potências’ tão heterogêneas quanto *sound and sense*” (1974b, p. 1.053). Tal lida com o heterogêneo – que, como temos observado, atravessa a própria poética valeriana em sua duplicidade *inachevante* – é suscitada na transição do jogo de demandas e de respostas desdobrado continuamente no intervalo entre as batidas: “3 golpes percutidos definem o estado que *produziria* o 4º [...] Mas isso só ocorre se o intervalo (1-2) é substituído pelo (2-3)” (VALÉRY, 1974a, p. 1.040).¹¹ A cada desdobramento, por sua vez, pulsará uma experiência de *intensidade*, pela qual cada intervalo lidará com suas virtualidades:

Quanto à *intensidade* – eu designo assim –, o intervalo mesmo enquanto podendo ser diferente. A *tensão* do intervalo cresce até um limite para além do qual o golpe *seguinte* não tem mais relação com o *precedente*. E, num sentido inverso, se os golpes são aproximados, ela se aproxima do contínuo... (VALÉRY, 1974a, p. 1.329).

[...] Há, portanto, dois limites. Se muito grande a frequência, a série é *inimitável* por atos, e a impressão passa do domínio *articulado* ao domínio *contínuo*. Se muito fraca, não há somação (VALÉRY, 1974a, p. 1.350).¹²

A modulação atuará precisamente nesse limiar entre o contínuo e o articulado; e prolongará a equívocidade ativo/passivo, resposta/demanda até a *contradição* fricativa das normatividades e materialidades

¹⁰ Se o discurso conserva no impensado seu *parti pris*, colocando-o a salvo de *contradições*, para o poema, “não há *contradição* sem *dicção*” (VALÉRY, 1957a, p. 1.307), sem fricção entre “aquilo que os versos dizem e aquilo que os versos são” (1957b, p. 637). Nesse atrito entre voz e pensamento, a *contradição* valeriana deixa de ser uma categoria lógico-formal, incidindo sobre dois ou mais enunciados incompatíveis entre si (A é B; A é não-B) e se torna hesitação entre o discurso e sua *dicção*. Tal *contradição* não é também a *contradição* das dialéticas de tipo hegeliano, pois não realiza a ligação entre o lógico e o real a partir de sua aplicação, como categoria lógica, à noção de diferença em si. Não se trata de determinar predicados contraditórios a partir de uma posição sujeito, mas de friccionar o enunciado e sua enunciação, como veremos mais detalhadamente adiante (cf. MANIGLIER, 2006, p. 303).

¹¹ “3 coups frappés définissent l'état qui *produirait* le 4me. [...] Mais ceci n'a lieu que si l'intervalle (1-2) est substitué par (2-3)”.

¹² “Quant à *intensité*, je designe ainsi – l'intervalle même en tant que pouvant être différent. La *tension* de l'intervalle croît jusqu'à une limite au delà de laquelle le coup *suivant* n'a plus de relation avec le *précédent*. Et en sens inverse si les coups sont rapprochés on approche du continu.../ [...] Il y a donc 2 limites. Si trop grande la fréquence la suite est *inimitable* par actes et l'impression passe du domaine *articulé* au domaine *continu*. Si trop faible, pas de sommation.”

heterogêneas – nessa zona de umbral deslizando e friccionando séries de associações externas e internas, variações da matéria e diferenças da linguagem, intensidades sonoras e pulsações semânticas, as tonalidades da voz e as sutilezas do pensamento. Sempre modulante, a hesitação prolongada – longe de se mover sobre um centro fixo objetivo, como um pêndulo metaequilibrado, longe de se instaurar a partir de um metro subjetivo apartado da existência, tal como um relógio exterior ao mundo – reverbera num ritmo cuja lei de intervalo de batidas se modula junto ao próprio devir desdobrado no e a partir do mundo, junto à própria ressonância *intra* e *intermundana*, uma *ressonância* modulada continuamente no limiar do discreto e do contínuo, entre a batida cuja intensidade mal ressoa sobre outro ponto da cadeia, descrição mais sutil, e a batida cuja força se aproxima da continuidade pura: “Modulação: passagem insensível por uma sucessão composta, não contínua e não descontínua” (XXVI, p. 920).¹³

A modulação suscitará os detalhes mais sutis da experiência, ensaiando variações no modo como redes de articulação e diferença se acoplam aos campos de instabilidade qualitativa; fazendo deslizarem as estrias do discreto sobre o contínuo, revelando matizes delicados de um sentido implicados na fina nuança de tom de uma meia-voz.¹⁴ A modulação prolonga, assim, a sobredeterminação mútua de séries heterogêneas em equivocidade, ali mesmo onde o discurso as hierarquiza (em geral, colocando o som a serviço do sentido, mas algo não muito diferente ocorreria numa proposta de poesia pura que simplesmente invertesse a hierarquia e colocasse o sentido a serviço do som),¹⁵ desprezando a heterogeneidade entre elas e rasurando as variações da série subordinada que não sirvam à determinação unívoca das posições puramente negativas

13 “Modulation: passage insensible par une succession composée, non continue et non discontinue.”

14 Cf. Valéry (1957b, p. 682).

15 Frente à soberania da prosa instrumental nos últimos séculos, foi grande a tentação de transformar a arte num experimento puramente semiótico e renunciar ao “real” e suas exigências comunicativas; tentação que atingiu artistas, mas também críticos e filósofos que se assenhoraram da interpretação, mantendo os poetas a uma distância segura da filosofia e do pensar. Sagrar o som como novo soberano bem no lugar do sentido não foi o caso de Valéry, mas, tal como ocorreu a muitos celebrados ou acusados de “formalista”, o escritor também protagonizou um debate sobre “poesia pura”, que marcou o cenário francês na década de 1920 (MARX, 2002, pp. 113-129). Sobre o clichê da “renúncia ao real”, cf. Siscar (2016, pp. 137-158).

e diferenciais da série soberanizada, com seu campo homogêneo de permutações e equivalências.

Na era da universal reportagem, a univocidade da prosa instrumental transforma os discursos em *semas* resumíveis e permutáveis, com seus restos heterogêneos sendo esmagados pela pressão fantasmática da decisão cortante e soberana, com a conivência cínica do “Bah” de M. Teste, gestos que fundam e conservam o *sommet* excepcional do regime de equivalência geral da democracia de massas (VALÉRY, 1957b, p. 25; DERRIDA, 2008, pp. 249 e 261). Por sua vez, se, contra o resumo, a modulação evoca o que há de heterogêneo e singular numa assonância ou metonímia, não o faz para afirmar uma suposta diferença qualitativa excepcional, arredia à mediação, mas, pelo contrário, para suscitar variações qualitativas e materiais que latejam no intervalo entre as séries diferenciais heterogêneas e evocar detalhes cada vez mais sutis e hesitantes no limiar nem contínuo nem articulado, detalhes sempre inacabados, *inachevants*, parciais, entre atrito e deslize, qualitativo e quantitativo, categórico e permutável, sublime e cotidiano. Detalhes capazes de revelar as implicações de um tom de frase, de uma disposição visual da escrita, uma reiteração de sentido etc., nos distintos planos de experiência agenciados.

III

Nesse ponto, nossa releitura da poética dupla de Valéry, especialmente no que concerne à *modulação*, é intensamente devedora da releitura da linguística de Ferdinand de Saussure feita por Patrice Maniglier em *La Vie énigmatique des signes*. Retomando o caráter duplo – formal e significativo, evanescente, *quasi-matérico*, nem presente, nem ausente – da ontologia do signo na *tradição simbolista*, da qual Valéry e Saussure fizeram parte, o filósofo questionará a imprecisão de boa parte da doxa constituída em torno da linguística estruturalista, sobretudo no que diz respeito ao arbitrário do signo e à sua suposta natureza puramente negativa e diferencial no campo homogêneo de um sistema de diferenças (MANIGLIER, 2006, pp. 256-275).

Maniglier lembra que um sistema de diferenças só se estabiliza em seu campo de permutações a partir do momento em que se estabelecem ligações com outros sistemas, em planos heterogêneos, o que torna cada um dos pontos da cadeia equívocos, ou seja, não apenas um ente diferencial e negativo, mas também uma coisa positiva. “Dizer que tudo é negativo na língua só é verdadeiro para o significado e o significante

tomados separadamente”;¹⁶ por sua vez, o signo enquanto tal também é algo positivo (SAUSSURRE, 1972, p. 166; MANIGLIER, 2006, p. 297). No interior dessa equívocidade – que poderíamos chamar de *restrita*, por ainda se manter no quadro de um *dado* sistema de diferenças – ainda é possível celebrar a *necessidade* unívoca de tal ligação, que é observada sempre a partir da soberania pressuposta de um deles, tal como afirmou Benveniste ao lembrar que o arbitrário do signo dizia respeito à relação com o referente, a ligação significante-significado que o constitui sendo estritamente necessária (em resumo: *arbitrário* seria associar o referente “cavalo” aos signos ‘cavalo’, ‘horse’ ou ‘cheval’, sendo totalmente *necessário* associar o significado *cavalo* aos significantes *cheval*, *horse* e *cavalo* em seus respectivos sistemas linguísticos – MANIGLIER, 2006, p. 284; BENVENISTE, 1974, p. 49).

Essa discussão aparentemente manteve no impensado o pressuposto referencial, pragmático-ontológico, que permite, no fim das contas, afirmar que estamos falando da mesma coisa quando dizemos *horse*, *cavalo* ou *cheval* (SAFATLE, 2006, pp. 114-116). Por conta disso, ela alimentou a impressão de que, ao abolir a centralidade das expectativas referenciais da linguagem, o estruturalismo sacramentava a clivagem irreconciliável e absoluta entre língua e não-língua – ou entre a língua e o que “viria antes dela”, se quisermos condescender por um momento com o tique metafísico-moderno de pôr as coisas na linearidade pressuposta por seu *télos* – dando início ao *linguistic turn* da história da filosofia no século XX. Ora, é nesse ponto que a contribuição de Maniglier (ou de Saussure lido por Maniglier, se fizermos questão de explicitar a variação do latim ao francês) atua: para o filósofo-linguista, as estabilizações entre sistemas operadas pelo signo são sempre assimétricas e parciais. Isso significa que dada diferença sonora *não* estabilizará dada diferença semântica, do mesmo modo como ela mesma é estabilizada – seja por outras diferenças de sentido ou por outros tipos de diferença (gráficas, sintáticas, pragmáticas etc.). “Não é pela mesma razão que o significante é o significante de tal significado, e que tal significado é o significado de tal significante” (MANIGLIER, 2006, p. 327):¹⁷ o significante *lua* se associa ao seu significado opondo-se ao significante *rua*; porém, o significado *rua*, por sua vez, associa-se ao seu significante, opondo-se ao

16 “Dire que tout est négatif dans la langue, cela n’est vrai que du signifié et du significatif pris séparément.”

17 “Ce n’est pas pour la même raison que le signifiant est le signifiant de ce signifié, et que ce signifié est le signifié de ce signifiant.”

significado *casa*, cujo significante (casa), por sua vez, se opõe a caça; *lua* a *terra*, e terra a serra, e *serra* a... e assim por diante.

Em outras palavras, um traço distintivo não corresponde somente a outro traço distintivo heterogêneo, mas a uma série de traços distintivos heterogêneos. *Aquilo que se distingue nunca é apenas som ou apenas sentido, mas combinações de diferenças de sons e de diferenças de sentido, sobredeterminadas por seu pertencimento simultâneo a sistemas de oposição concorrentes (MANIGLIER, 2006, pp. 298-299). Eis por que a hesitação som-sentido é muito mais do que “som e sentido”, mas hesitação entre inúmeros planos de oposição (ser-ficção, pensamento-voz, natureza-cultura, produção-consumo, dado-construído etc.); ela se desdobra desde esse nó de nós sempre compósito, sobredeterminando continuamente diferentes planos da experiência. Para acompanhar esse desdobramento mais de perto, vale notar como Maniglier expõe a sobredeterminação do signo em Saussure em uma articulação precisa de relações de oposição e de diferença: nela, o valor de um termo é sobredeterminado pela correlação de diferenças heterogêneas (os fonemas r-l associam-se aos significados *rua-lua*) e pela oposição entre os nós codiferenciais (formam-se os significantes opostos rua/lua, que, por sua vez, abrem a cadeia de nós: *lua-terra*, terra-serra, *serra-...* etc., por um lado, e *rua-casa*, casa-caça, *caça-...* etc., por outro) (p. 310).*

Trata-se de duas dinâmicas singulares de variação: a oposição decompõe traços distintivos a partir da concorrência de outros termos, variando sempre em cima de uma base fixa (rua, lua, nua). A diferença, por sua vez, não é medida por uma constante, mas pelas correlações que ela forma com outras diferenças heterogêneas na vizinhança das oposições (variação fonética r/l ó variação semântica *rua/lua* etc.). Considerados os modos distintos de operação de cada dinâmica, é preciso também levar em conta não apenas sua solidariedade recíproca – a oposição pressupõe os termos diferenciados pela série de correlações heterogêneas; a diferença, por sua vez, pressupõe os nós opositivos entre os planos heterogêneos que ela correlaciona –, mas igualmente a sua variação mútua, as distâncias e proximidades entre diferença e oposição, sempre em mutação ao longo das cadeias de signos sobredeterminados por planos qualitativos heterogêneos (MANIGLIER, 2006, pp. 311-315).

Assim, *a equivocidade do signo pensada por Maniglier excederia a duplicidade identidade/distinção ou positividade/negatividade no interior da cadeia homogênea de um sistema de diferenças para se afirmar na lida*

com a heterogeneidade e a diferença entre os sistemas correlacionados, como notou Roberto Zular (2015). Nesse ponto, recuperar o legado simbolista de Saussure é um gesto esclarecedor, pois se trata de perceber como o signo é constituído por associações de acontecimentos qualitativos, notar que a língua é materialmente constituída pelos elementos que ela exprime: detalhes, *nuances*, matizes etc. Se falar uma língua não é meramente internalizar indexações entre palavras e coisas, mas partilhar uma experiência qualitativa, então, como notaram os poetas simbolistas, a relação linguagem-mundo não é de designação, mas de e(qui)vocação: o signo consiste de ser, dirá Valéry (VI, p. 193), ele produz e partilha hesitações qualitativas reais (MANIGLIER, 2006, p. 266).

Consequentemente, a equivocidade estendida entre os sistemas heterogêneos e o caráter modulável da articulação diferença-oposição no quadro da sobredeterminação do signo tornam constitutiva a experiência poética de desierarquização entre as redes diferenciais correlacionadas. Com isso, perde toda pertinência qualquer espécie de hierarquia *a priori* entre sistemas simbólicos (capazes de significar e representar) e não-simbólicos (subunidades discretas constituintes, não significativas), valendo notar aqui a disposição da poesia simbolista a se engajar num igualitarismo cosmopolítico, pois ela expõe como *equivocos*, iguais em força, diferentes planos de variação qualitativa e suas correlações diferenciais (a sensação de um [d] *pode* ser aqui tão importante quanto a palavra *deus*). Essa igualdade da equivocidade, longe de ser o elo de uma equivalência homogênea determinada por um juízo predicativo com força de lei, sobredetermina mutuamente seres-linguagem heterogêneos ao longo da hesitação e latência do acaso que os correlaciona.¹⁸

18 A igualdade implicada nessa experiência de desierarquização e equivocação das relações entre corpos, signos e mundos “não consiste em uma mensurabilidade dos sujeitos em relação a alguma unidade de medida. Ela é a igualdade das singularidades no imensurável da liberdade” (NANCY, 1988, p. 96). Trata-se aqui de uma ontologia plana, na qual os heterogêneos se desdobram sobre um plano comum de igualdade. “Igual” ou “comum” deixa de remeter a uma identidade genérica para se tornar uma “comunicação transversal e sem hierarquia entre seres que simplesmente diferem. A medida... não é mais a medida externa dos seres em relação a um padrão, mas a medida interior a cada ser em sua relação com os próprios limites” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 112). Vale dizer que, segundo Maniglier, a equivocidade do signo não se opõe à univocidade do ser, à síntese imediata do múltiplo, que define a ontologia plana. Pelo contrário, o equívoco seria justamente o elo a partilhar tal univocidade, nesse plano comum espaçado em ato entre seres tão heterogêneos quanto fonemas e quanta (MANIGLIER, 2015, pp. 26-27).

Na experiência poético-simbolista de evocação, o signo – uma materialidade em efração, encravada no real (MANIGLIER, 2006, p. 271) – aciona experiências qualitativas heterogêneas: visuais, sonoras etc., moduladas em auto-hétero-afecção, desdobrando-se em diferentes sistemas sensoriais, conceituais e referenciais – corpo, espírito e mundo, para retomar a linguagem valeriana. É precisamente na passagem entre os sistemas que se hesita entre o necessário e o arbitrário: deslizando pelos pontos de costura opositivos que interligam planos qualitativos necessariamente heterogêneos (como significante-significado), chegamos à correlação arbitrária de uma diferença sonora e uma diferença semântica, de uma diferença semântica e uma diferença referencial, uma diferença referencial e uma diferença sonora e assim por diante... “Meu espírito contém um mundo que contém meu corpo, que contém meu espírito e...” (VIII, p. 241).¹⁹ É na hesitação entre o arbitrário e o necessário, deslizando acoplagens entre sistemas heterogêneos, que lateja o acaso, a vinda do acontecimento poético.

Em outras palavras, *não se trata de abandonar a centralidade da tal referência, trata-se, sim, de abandonar a centralidade*, assim como o fantasma da soberania e da metafísica do estado de exceção que a assombra; trata-se de transformar esse centro em um ponto de equivocidade e de *double bind*, que congrega e sobredetermina injunções heterogêneas, sejam elas sensoriais, conceituais ou referenciais etc. Com isso, pode-se dizer que muda o próprio estatuto do pensar, que cessa de projetar suas expectativas exclusivamente sobre o plano semântico para se tornar um ato que atravessa dimensões qualitativas heterogêneas: semânticas, sintáticas, químicas, sonoras, musicais, gráficas, biológicas, visuais, táteis e muitas outras que podemos encontrar nos *cahiers*. Se há uma prosa da história, então até mesmo ela se torna mais do que uma totalização semântica e adquire também o seu tom, dicção, *contradição*, equivocidade, sobredeterminação.

Isso fica claro naquele que talvez seja o núcleo do livro de Maniglier: entender como se passa das correlações entre diferenças aos nós opositivos e concorrentes. Ora, será justamente o hiato entre ambos que ensejará um diálogo decisivo entre Saussure e Bergson, para quem as variações qualitativas não eram imediatamente tomadas como diferenças em si. Se nós percebemos cores distintas, é porque as suas qualidades contínuas

¹⁹ “Mon esprit contient un monde qui contient mon corps, qui contient mon esprit...”

já estão acopladas à rede de traços discretos. Portanto, toda intensidade já é uma mistura qualitativo-conceitual, resta saber como se forma a acoplagem diferencial. Ora, não tendo em si mesmas nem direção, nem fim, as variações qualitativas só podem ser correlacionadas com outras variações qualitativas, num plano heterogêneo, pondo-se à escuta do contínuo que nelas reverbera – e é a partir dessa correlação entre variações heterogêneas que se formam diferenças intensivas, desde sempre igualmente *correlatas*: “para haver uma diferença é preciso sempre duas: todo traço distintivo é duplo” (MANIGLIER, 2006, p. 303).²⁰

Assim, em vez de tomar as pulsações da matéria imediatamente como diferença pura e contradição-em-si (cf. nota 6), a linguística estrutural-simbolista de Saussure, diz Maniglier, afirmará pela ontologia do signo uma experiência radicalmente equívoca e sobredeterminada, sempre hesitante *entre* mais de uma variação, mais de uma diferença, mais de um sistema de oposição. Se a leitura estiver correta, poderemos então postular que o ato poético valeriano, ao buscar *modular* suas intensidades no limiar do contínuo e do descontínuo, faz hesitar justamente a acoplagem das diferenças intensivas sobre as variações qualitativas, friccionando séries heterogêneas em codiferenciação, ensaiando aberturas às pulsações instáveis do contínuo e suscitando os detalhes sobredeterminados mais sutis da experiência. Para tanto, será preciso qualificar a experiência poética capaz de efetivar a duplicidade ontológica heterogênea – evanescente e qualitativa – do signo.

Pois a ontologia irredutivelmente dupla e equívoca do signo é irrepresentável, não é possível soberanizar nenhuma dimensão da linguagem (seja ela som, disposição gráfico-visual, sintaxe ou sentido etc.) sem reincidir num *mépris* que torna homogênea a passagem entre os sistemas (VALÉRY, 1957b, p. 1.031). Não sendo representável, ela é, porém, *efetuável* no poema não como instituição soberana de um *sommet* metalinguístico que finalmente capturasse o diferimento recursivo e heterogêneo da linguagem, mas como ato que se ergue contra a equivalência homogênea para então “explorar as virtualidades [do discurso], efetuar as sobredeterminações locais que definem o signo, fazê-lo brilhar em todo seu essencial equívoco” (MANIGLIER, 2005, p. 159).²¹ Para tanto, a experiência poética precisa refinar

20 “[...] pour avoir une différence, il en faut toujours deux: il ny a de trait distinctif que double”. Cf. também Maniglier (2006, pp. 300-306).

21 “[...] explorer les virtualités, effectuer les surdéterminations locales qui définissent le signe, faire briller le signe dans toute son essentielle équivoque”.

continuamente o seu ter-lugar, a relação com seu entorno, as passagens entre o dentro e o fora, articular torções que façam vibrar a equivocidade ontológica do poema, um ser que é corpo-linguagem, ser-convenção, dado-construído ou – numa palavra – uma *contradição* friccionando discurso e dicção, voz e pensamento. Assim, a *modulação* dos detalhes mais sutis no limiar do contínuo e do articulado, das variações qualitativas e das diferenças intensivas opera a partir da *contradição* entre o enunciado e o seu próprio ato enunciativo. Por essa dobra, a sobredeterminação do ato poético prolonga o acaso na hesitação entre o arbitrário e o necessário, como o próprio Maniglier percebeu posteriormente, ao ver a necessidade de pensar juntas a linguística de Saussure e a linguística da enunciação.²²

IV

Insistir nessa importância do ato enunciativo, como temos visto, não é contrapor à suposta falsidade ou desencantamento da representação a autenticidade de uma plena presença, mas recuperar a consistência ontológica *da* linguagem, seu modo de habitação intra e intermundano, habitação hesitante, espectral, que desdobra a equivocidade de seus processos heterogêneos de mediação sobre a equivocidade do seu próprio estar-no-mundo, posto em variação na vizinhança em espiral do ato poético em virtualização. Se, em sua dimensão prosaica-unívoca,

22 Como perceberam Zular (2018) e Maniglier (2016, pp. 481-482), as virtualidades equívocas do signo são suscitadas por um ato/conceito de enunciação que atravessa obliquamente a dicotomia dado/construído. Indiferente ao problema da ruptura moderna entre sujeito e mundo, tal enunciação opera numa ontologia plana, na qual instancia um enunciado dobrado sobre o próprio ser e, com isso, evoca a heterogeneidade entre seus planos, acionando uma variação em ato da acoplagem entre discurso e referência, a hesitação entre o dado (“as coisas do ser”) e o construído (“as convenções da linguagem”) (VALÉRY, 1957a, p. 1.356). Nem revelação sublime e transcendental, nem imanência mundana e unidimensional, verso aqui “há tão logo se acentue a [contra]dicção”, para modularmos a célebre passagem de Mallarmé no intento de assim nomear todo procedimento poético – em verso, em prosa, visual, sonoro, verbal etc. – virado sobre o intervalo, o interregno entre discurso e dicção (SISCAR, 2010, p. 110), enunciado e enunciação. Se, por um lado, isso implica reunir seres e signos num mesmo plano, recusando todo tipo de transcendência, por outro, implica também recusar todo monismo: “não se trata de apagar contornos, mas de dobrá-los, adensá-los” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 28), hesitar prolongadamente sobre as ranhuras entre os signos-ser e os seres-signo heterogêneos equivocados em *contradição*, modulando os limiares entre o sublime e o prosaico, o categórico e o permutável, como veremos mais adiante. Em outras palavras, uma possível travessia oblíqua à dicotomia verso sublime x prosa mundana recentemente debatida, dentre outros, por Michel Deguy e Jean-Marie Gleize (cf. SISCAR, 2016, pp. 159-187).

“a linguagem se identifica com o conhecimento”, sua equivocidade, por outro lado, “permite conceber combinações da linguagem, [e] a mostra como uma função e *consistindo de Ser*” (VI, p. 193, grifos nossos).²³

Para falar com Nancy, um *dasein enunciativo* que se “ins-creve” no mundo e se “ex-creve” entre mundos, enunciação que faz de sua posição sujeito uma *expeausition*, que fricciona o pensamento e a sensibilidade dentro do campo de variações qualitativas em auto-hetero-afecção. *Expeausition* que não é exposição de uma intimidade, de um si *autoidêntico*, que se revelaria a um alhures posto à distância, mas a vibração de um ato de pele, tatuada por reenvios que percorrem o limiar tocar/ser tocado: “Tocar em si, ser tocado em contato com o si, fora de si, sem nada que se aproprie. Isso é a escritura, e o amor, e o sentido”, dirá o filósofo francês (NANCY, 2000, p. 32).²⁴ Leitor dos cadernos de Valéry, Nancy observa, em prefácio ao tomo XII dos *Cahiers (1894-1914)* da Gallimard, como essa ranhura do ser implica o próprio caráter ontológico e poético do pensamento. “Pensar. Ser, essas palavras não têm nenhum sentido separadas. Pensar é um ato”, diz o poeta (VALÉRY, 2012, p. 14).²⁵ Se os pensamentos pertencem às coisas e ao mundo, então o próprio real é inervado, irrigado por eles, por seus gestos, pelas forças comunicadas às coisas, com as coisas, agindo junto com elas (p. 15).

Por isso, o real é uma ressonância, e a ressonância, uma afecção: somos afetados por um apelo, uma voz endereçada a nós e que faz emergir em nós um eco, vibração, outra voz que responde – a ligação contínua entre a voz que existe e a voz que vem (VALÉRY, 1957a, p. 1.349). Seria desse modo que as coisas se perceberiam e se relacionariam: nem como subsistência em si (presença), nem como representação subjetiva (ausência), mas como um sentir estendido na partilha perceptiva de si e do outro, um *sentir* “no qual, pelo qual e, sobretudo, com o qual o real se realiza” (NANCY *apud* VALÉRY, 2012, p. 16).²⁶ No atrito entre discurso e dicção, ser e linguagem, a *contradição* impulsiona a modulação contínua dos detalhes mais sutis “entre o ritmo e os acentos da voz”, de um lado, e “o pensamento, a linguagem e suas convenções”, de outro (VALÉRY,

23 “Le langage s’identifie avec la connaissance”; “ce qui permet de concevoir des combinaisons du langage le montre comme fonction et tenant à l’Être”.

24 “Toucher à soi, être touché à même soi, hors de soi, sans rien qui s’approprie. C’est l’écriture, et l’amour, et le sens.”

25 “Penser. Être, ces mots n’ont aucun sens séparé. Penser est un acte.”

26 “[...] dans lequel, selon lequel, mais surtout comme lequel le réel se réalise”.

1957a, p. 1.356),²⁷ *contradição* enunciativa modular que toma a linguagem como um *fazer* (1957b, pp. 1.500-1.502; REY, 1991, pp. 58-88), o pensamento como uma *poiésis*, abrindo-se às variações diferenciais entre os sistemas (na fricção do som e do sentido, da escrita e do discurso) que o compõem:

A poesia – e digamos: o pensamento – só é possível porque uma representação qualquer jamais pertence a um único e mesmo sistema, salvo se ela for abstrata e então não se trata mais de representação. Tudo o que é visível e imaginável é, por isso mesmo, tudo menos *uniforme*. Donde se segue que o melhor meio de *pintar* alguma coisa é restituir aquilo pelo qual ela é multiforme, essa multiplicidade fundamental de um objeto que admite tantas interpretações, respostas, “homens” recíprocos cada um a ela... (VALÉRY, 1974b, p. 1.003).²⁸

Ou ainda:

Um imbecil diz: *A é A*. Essa cadeira é uma cadeira. Mas ela é escada, fogueira, aparelho de ginástica, aríete, liteira – e a ideia de uma cadeira é construção, equilíbrio, alavanca, armação, escora; em tal poema, bastará pôr uma cadeira, no lugar e no momento necessário, para fazer imaginar o personagem; para dar um grande efeito...

A é A, a fórmula do tolo. Ela é somente uma relação lógica (VALÉRY, 1974b, p. 1.004).²⁹

De um lado, a lógica, com suas notações abstratas, meramente analíticas quando não inteiramente tautológicas, de outro, a poesia e o pensamento, em sua lida com a linguagem comum, sempre sobredeterminada por mais de um sistema – por variáveis semânticas e por variáveis fonéticas (VALÉRY, 1957a, p. 1.356), pelo que os versos *dizem* e pelo que *são* (1957b, p. 637), voz e pensamento, som e sentido – uma sobredeterminação que faz uma representação linguística qualquer variar à esteira de múltiplos valores e redes de oposição – a representação de cadeira evoca fogueira por sua matéria, escada por sua

27 “[...] le rythme et les accents de la voix”; “la pensée, le langage et ses conventions”.

28 “La poésie, et disons: la pensée, – n’est possible que parce qu’une représentation quelconque n’appartient jamais à un seul et unique système, à moins d’être abstraite et alors elle n’est plus représentation. Tout ce qui est visible et imaginable est par là même tout autre qu’uniforme. D’où s’ensuit que le meilleur moyen de peindre quelque chose est de restituer ce en quoi elle est multiforme, cette multiplicité fondamentale d’un objet qui admet tant d’interprétations, de réponses, d’ ‘hommes’ réciproques chacun à elle...”

29 “Un imbecile dit: *A est A*. Cette chaise est une chaise. Mais elle est échelle, bûcher, appareil de gymnastique, bélier, civière – et l’idée d’une chaise est construction, équilibre, levier, cage, entretoises; dans tel poème, il suffira de mettre une chaise, au lieu et au moment qu’il faut, pour faire imaginer le personnage; pour donner un grand effet.../ *A est A*, est la formule du sot. Ce n’est qu’une relation logique.”

forma, aríete por uma disposição e movimento possível, sua ideia pode sugerir elementos tão díspares quanto construção, equilíbrio ou alavanca. Em outras palavras, a função representativa da linguagem – longe de ser anulada em nome de uma experiência supostamente mais autêntica – não apenas está implicada na e(qui)vocação entre signo e coisa, mas nela também encontra sua condição de ser/devir: só há representação onde há correlações regulares de variações heterogêneas (ZULAR, 2015), costuradas por pontos de viragem entre os diferentes sistemas que a atravessam. Uma representação que não implicasse mais de um sistema em equivocidade ou que formalizasse diferentes planos a partir de uma metalinguagem unívoca deixaria de representar o que quer que fosse e seria reduzida à funcionalidade puramente analítica e formal de sua sintaxe unidimensional.

Por outro lado, se a representação implica um ponto de viragem entre o formal e o significativo, tal costura não saberia ser atada, como temos visto, sem correlacionar diferenças heterogêneas que, por sua vez, acionam viragens virtuais e, assim, prolongam a *hesitação entre os sistemas e seus planos qualitativos*. Nesse intervalo entre o discreto e o contínuo, o categórico e o permutável, a modulação fricciona escalas de grandeza heterogêneas (como som e sentido), associando modos de transformação entre campos qualitativos divergentes, buscando, porém, fazê-lo “como a penetração do mesmo corpo em camadas diferentes, como uma sonda através de terrenos e bolsões líquidos superpostos” (STIMPSON, 1995, p. 130).³⁰

Como lembra Celeyrette-Pietri (1974, p. 20), assim faz o *Léonard* valeriano: ele efetua modulações sutis na criação de uma flor; persegue o arabesco de um sorriso em ato, sem sujeitar os sistemas agenciados e materiais heterogêneos uns aos outros, sem homogeneizá-los a partir da soberania fantasmática de uma única maneira de ver:

O acidente é a aparição da qualidade de uma coisa que estava disfarçada por outra de suas qualidades. Ora, estava previsto apenas – esperava-se apenas – a sequência e o desenvolvimento da existência da coisa em conformidade com essa qualidade mais notada – e cuja visibilidade dominadora era devida ao observador.

Em suma, o observador vê a coisa como uma de suas propriedades – aquela que lhe interessa essencialmente – mas a coisa tem outras qualidades pelas quais ela é *parte do mundo*.

30 “[...] comme la pénétration du même corps dans des couches différentes, comme une sonde à travers terrains et poches liquides superposés”.

Esse vaso me serve, mas, por outro lado, isso é um vidro exposto num mundo onde existem choques.

Quanto mais as coisas são mentais, menos elas têm propriedades – e existências em domínios diversos [...]

– Logo – a modulação, e também as transformações bruscas do ser, devem ser consideradas [...] como oriundas da aparição de propriedades existentes que outras propriedades disfarçavam – ou seja, como multiplicidade do ser oposta à simplicidade momentânea da consciência (VALÉRY, 1974b, p. 229).³¹

A modulação agencia a multiplicidade do ser contra a simplicidade momentânea da consciência, contra a tendência da razão em soberanizar univocamente o sentido e monopolizar-se como instância de mediação e processualidade dos seres, reprimindo o acaso que lateja no seu atravessamento por outras qualidades e domínios de existência, pelos quais um ser interage com outros seres e o mundo. Ao não reduzir as pulsações da matéria à figura de uma diferença pura, uma contradição-em-si ou exceção-de-si tendo em vista um regime de relações posto, a modulação correlaciona mais de uma variação qualitativa com mais de uma diferença intensiva, sobredeterminando e reconstituindo diferentes regimes de relação, com suas materialidades e normatividades heterogêneas. Se a e(qui)vocação ser-pensar signo-coisa condiciona, implica e excede a representação, modulando seu pertencimento a múltiplos sistemas de diferença, ela também toca e é tocada pelas pulsações qualitativas da heterogeneidade material e normativa que lateja na diferença entre os sistemas, prolongando uma experiência de hesitação som-sentido, ser-ficção, presença-ausência a partir da qual se torna possível dizer não apenas que o outro *do signo* é *outro signo*, com seus traços diferenciais em uma rede simbólica heterogênea, mas também que o outro *da referência* é *outra referência*, com suas variações materiais em um plano qualitativo heterogêneo.

31 “L'accident est l'apparition de la qualité d'une chose qui était masquée par une autre de ses qualités. Or, on ne prévoyait que – on ne s'attendait qu'à – la suite et le développement de l'existence de la chose selon cette qualité plus remarquée – et dont la visibilité dominante était due à l'observateur./ En somme, l'observateur voit la chose en tant que l'une de ses propriétés – celle qui l'intéresse essentiellement – mais la chose a d'autres qualités par lesquelles elle est partie du monde.

Ce vase me sert mais d'autre part c'est un verre exposé dans un monde où il y a des chocs. Plus les choses sont mentales, moins elles ont de propriétés – et d'existences dans des domaines divers [...]/ – Donc – la modulation, et aussi les changements brusques de l'être, doivent être considérés [...] comme dus à l'apparition de propriétés existantes que d'autres propriétés masquaient – c'est-à-dire comme multiplicité de l'être opposée à la simplicité momentanée de la conscience.”

V

Por isso, as outras qualidades que atravessam o ser para além do compreendido pela consciência momentânea ou pelo discurso unívoco não são jamais exterioridades autoidênticas, nem mesmo uma excepcionalidade formalmente integrada a um único processo totalizador em seu ponto de reconstituição estrutural, mas suscitam diferenças heterogêneas correlacionadas com outros sistemas de relações qualitativo-conceituais. Vale notar aqui que a insistência na implicação desse “mais de um” (dos planos de pulsação qualitativa da matéria aos sistemas de oposição concorrentes passando pelas correlações diferenciais intensivas) é mais do que simplesmente remeter a causalidade inconsciente a uma determinação unívoca operada por outras cadeias significantes que a consciência desconhece, é suscitar a heterogeneidade entre elas, desierarquizá-las e equivocá-las, tornando o seu des/encontro pragmático e contingente um acontecimento, o espaçamento em ato do solo de uma dança em que suas acoplagens recíprocas hesitam se sobredeterminando e se transformando mutuamente, de modo a produzir e revelar seus detalhes e *nuances* qualitativas mais sutis e refinadas.

Assim, cada um desses sistemas³² se tece em torno de um ponto específico de viragem entre ser e ficção, dado e construído, natureza e cultura, cada um deles constitui não exatamente um *ponto de vista*, se por *pontos de vista* compreende-se uma pluralidade cultural de interpretações acerca de uma coisa-em-si supostamente natural, idealmente autoidêntica – não estamos diante nem de fenomenologia, nem de um multiculturalismo –, não se trata de pontos de vista nesse sentido, mas de uma *maneira de ver*, para usar o termo empregado por Valéry (1974a, pp. 628-629; 1974b, pp. 941-942) em seu esboço para uma “ciência das *maneiras de ver*”, escrito nos *Cahiers* em 1927; *maneiras de ver* cuja multiplicidade é derivada precisamente do caráter diferencial, variável e rítmico das correlações e passagens entre pensamento e voz, enunciado e enunciação, variações que, portanto, atingem não as noções de cultura ou mesmo de natureza, mas os modos de relação entre elas,

32 “Entre os exemplos de tais sistemas simbólicos, podemos nomear a língua, claro, mas também contos de fadas, práticas culinárias, hábitos de vestuário, os sistemas políticos, as ordens religiosas... cada um desses sistemas é, na verdade, constituído ele próprio por uma pluralidade de tais sistemas: assim, no caso da língua, os sistemas fonológicos, semânticos, morfológicos etc.” (MANIGLIER, 2015, p. 55).

bem como os conceitos em que tal relação geralmente está em jogo, tais como *identidade* ou mesmo *ponto de vista*.³³

Não se trata, com isso, de legitimar o múltiplo como diversidade já dada ou a ser construída, mas de notar que as próprias condições de possibilidade de *uma* identidade ou *um* ponto de vista lidam irredutivelmente com o devir e com a contingência. A hesitação entre o arbitrário e o necessário que interliga o pensamento poético à *poiésis* pensante prolonga justamente o estado no qual a experiência, quanto mais necessária e ajustada em suas articulações internas e em seus detalhes sutis, mais ela suscita a latência do acaso, a ressonância de um encontro com o outro, com aquilo que poderia ser totalmente diferente (VALÉRY, 1957a, p. 1.351). O múltiplo surge precisamente na esteira de tal ressonância ou *mise en variation*, no limiar da qual se refina a lida infundável com/no real: se, para a ciência valeriana das maneiras de ver, os aspectos qualitativos que escapam a um ponto de vista dado são nós de implicação de funções, normatividades e pontos de vista heterogêneos, então, como notou Jürgen Schmidt-Radefeldt (1974, p. 240), *real* é ao mesmo tempo aquilo “que é capaz de uma infinidade de papéis, de interpretações, de pontos de vista” (V, p. 260) e o que “não pode jamais ser inteiramente considerado sob um só e único ponto de vista” (XIV, p. 84).³⁴ Se civilização é perspectiva (VALÉRY, 1957b, p. 903), a modulação será justamente a arte de passar entre uma maneira de ver e outra:

33 Nesse ponto, pensar o caráter variável e hesitante das múltiplas passagens entre natureza e cultura é deixar de ter o surgimento da última como causa final do pensar, é vê-la como modo de existir da primeira, ambas sendo atravessadas pela contingência, seja porque essa poderia não ser, seja porque a existência daquela é um dado limite (VALÉRY, 1974a, pp. 705-706 e 712). Diante da variação de múltiplos modos de partilhar o dado e o construído, ser e ficção, conceitos como identidade e ponto de vista deixam de ser o nome do que deve ser expurgado de todo pensamento do devir, de toda política an/árquica, e se tornam operadores pivotantes em cujas dobras equívocas lateja o acaso prolongado pela contradição poética. É o que mostram, cada um a seu modo, tanto Derrida (1996, pp. 31-32) – ao insistir em retirar essas noções de sua suposta autoevidência e perguntar: “o que é a identidade, esse conceito cuja transparente identidade a si mesmo é sempre pressuposta dogmaticamente por tantos debates sobre o monoculturalismo ou sobre o multiculturalismo?” – quanto Viveiros de Castro (2007, p. 109), quando deixa de interrogar aos índios qual o seu ponto de vista sobre o mundo e passa a lhes perguntar qual o seu ponto de vista sobre o ponto de vista, uma dobra que, longe de instituir uma metalinguagem, um metaponto de vista dos pontos de vista, aciona uma equivocidade controlada entre eles (2004).

34 “[...] ce qui est capable d’une infinité de rôles, d’interprétations, de points-de-vue” ; “ce qui ne peut jamais être tout entier considéré d’un seul et unique point-de-vue”.

Meu problema essencial foi, permanece, o de instituir uma *ciência das maneiras de ver*.

1. As palavras: é possível... também é possível... são a definição dessa ciência.
2. Cada opinião, cada sentimento, cada proposição se refere não tanto ao seu homem mas a *uma maneira de ver*, da qual ela é uma propriedade específica [...]
5. Para cada um, há uma maneira que é a mais *provável*, a mais frequente, a mais estável, a mais cômoda, a espontânea. Essa pode variar com a idade – as circunstâncias – a sensibilização atual do sujeito a tais excitações. [...]
7. Há uma ciência e uma arte de passar de uma maneira de ver a outra. MDV ó M'D'V'. Há uma modulação. [...]
10. A linguagem comum implica uma confusão de MDV. Todo esforço para pensar nitidamente – ou seja, p[ara] determinar uma MDV é necessariamente contra essa linguagem comum, *contra suas formas e contra suas palavras*.
11. Toda maneira de ver é definível pela uniformidade funcional. Ex[emplo] simples: o domínio puro de um sentido. Mas na aplicação complexa se introduzem correspondências – ordens de grandeza – definições – anulações – axiomas – operações ou atos. A cada uma corresponde um “mundo” – mundo poético, pictórico, econômico – astronômico – mundano – etc. [...] (VALÉRY, 1974a, pp. 628-629).³⁵

Entre a univocidade de uma MDV nitidamente definida – por qualquer tipo de formalização lógico-científica da linguagem e do pensar – e a univocidade flutuante e imprecisa da linguagem comum – que confunde e homogeneiza diferentes MDVs³⁶ –, a modulação seria a arte *de transitar entre MDV's e prolongar sua equivocidade e heterogeneidade recíproca*.

35 “Mon problème essentiel, fut, demeure, d’instituer une science *des manières de voir*. / 1. Les mots: *on peut... on peut aussi bien...* sont la définition de cette science. / 2. Chaque opinion, chaque sentiment, chaque proposition se réfère non tant à son homme, qu’à *une manière de voir* dont elle est une propriété spécifique [...]/ 5. Pour chacun, il en est une qui est la plus *probable*, la plus fréquente, la plus stable, la plus aisée, la spontanée. Celle-ci peut varier avec l’âge – les circonstances – la *sensibilisation* actuelle du sujet à telles excitations. [...]/ 7. Il y a une science et un art de passer d’une manière de voir à une autre. MDV <=> M'D'V'. Il y a une modulation. [...]/ 10. Le langage commun implique une confusion de MDV. Tout effort pour penser nettement – c’est-à-dire p[our] déterminer une MDV est nécessairement contre ce langage commun, *contre ses formes et contre ses mots*. / 11. Toute manière de voir est définissable par l’uniformité fonctionnelle. Ex[emple] simple : le domaine pur d’un sens. Mais dans l’application complexe s’introduisent des correspondances – des ordres de grandeurs – des définitions – des annulations – des axiomes – des opérations ou actes. À chacune correspond un ‘monde’ – monde poétique, pictural, économique – astronomique – mondain – etc.”

36 Na era do mundo finito, diríamos com Maniglier (2015, p. 53) que a linguagem e o senso comum deixam de ser uma forma de pensar partilhada por toda a comunidade para se tornarem um “efeito de horizonte que resulta da tradutibilidade das práticas umas nas outras, tornada necessária a cada vez por razões locais”. Trata-se de aplainar diferenças entre sistemas discursivos: “O senso comum é comum [...] porque se pode ir de um ponto qualquer a não importa que outro se utilizando de não importa qual bifurcação (p. 59).

Cada MDV – com seu próprio mundo e seu regime de relações: econômico, astronômico, mundano etc. Uma planície, por exemplo – sendo o cruzamento das práticas de um filósofo e seus fenômenos, de um geólogo e suas sedimentações rochosas, de um soldado e suas estratégias de batalha, do lavrador e seus suores e colheitas, dentre outros (1957b, p. 1.303) –, é então sobredeterminada pela implicação de tais mundos e seus regimes de relação heterogêneos, incomensuráveis sem serem indiferentes entre si, numa experiência capaz de transformar estruturalmente o sistema de conexões de cada MDV, refinando suas acoplagens e interpenetrações.

Vale lembrar, ainda, que, para Valéry, a percepção desse atravessamento de mundos e sistemas heterogêneos – implicados na experiência, suscitados na passagem ao ato dobrada pela *contradição* que fricciona e modula a acoplagem do discreto sobre o contínuo, nesse encontro equívoco de normatividades e materialidades em recíproca sobredeterminação – está vinculada diretamente ao ocaso progressivo de toda medida humana comum categorialmente sintetizável a partir dos sentidos e à multiplicação dos *relais* técnicos cotidianos que agenciam dimensões da matéria heterogêneas às ordens de grandeza próprias à sensibilidade e à razão moral-política do europeu moderno. Tais transformações, causadas, sobretudo, pelos avanços da indústria química na segunda metade do século XIX, são continuamente investigadas pelos ensaios *quasi-politiques* de *Variété* (VALÉRY, 1957a, pp. 920-921; 1.035-1.042) e artigos de *Regards sur le Monde Actuel* (1957b, p. 1.075). Será justamente esse desnível – entre os poderes técnico-científicos cada vez maiores da *machine à vivre* e a capacidade cada vez menor das instituições políticas tradicionais em dar sentido à experiência – que denunciará tanto a falácia fiduciária dos pactos e convenções do estado-nação europeu quanto a submissão da vida às silenciosas determinações dos *relais* biopolíticos multiplicados no cotidiano (GOUX, 2000, pp. 14-65).

Em resposta a tais transformações socioeconômicas, a modulação nem procurará sintetizar uma dimensão antepredicativa comum, reinstituir *solenemente* uma medida humana universal, nem cederá à flutuação *cotidiana* que homogeneiza níveis escalares e MDVs diferentes, mas prolongará a transição entre elas, evocando sua heterogeneidade, desierarquizando e equivocando sua relação habitual ou pactuada, sobredeterminando sua acoplagem mútua no limiar do contínuo e do discreto, repartilhando o qualitativo e o permutável, o sublime e o coloquial – não para revolucionar *um sistema de conexões* univocamente totalizador, mas para refinar *a conexão entre os sistemas*, conexão sempre equívoca e parcial, inacabada, não porque o momento da totalização seja reprimido

a todo custo, mas, pelo contrário, porque a *contradição*, ao dobrar a relação parte/todo, desierarquiza a ligação dos sistemas heterogêneos (ex: som-sentido), engaja-os como totalidades/continentes imensuráveis entre si e aciona a variação das acoplagens de suas respectivas ordens de grandeza dissonantes. Onde há equivocidade e equipartição de energia entre detalhe e conjunto, entre escalas heterogêneas, há sempre mais de um elo entre as partes, mais de um mundo, mais de uma totalidade, mais de uma soberania em sobredeterminação recíproca:

O segredo ou a exigência da composição é cada elemento invariante estar unido aos outros *por mais de um elo*, pelo maior número possível de ligações de espécie diferente – e entre outros – a forma e o conteúdo, que são elementos *completamente como personagens ou temas* – (nessa fase).

Pois, no âmbito mental do criador, a atenção à forma e a atenção-personagem (por exemplo) *são da mesma substância*.

Em outras palavras, nesse âmbito de tempo vivo, há... *equipartição da energia!* – detalhe, conjunto, meios e fins, eu e ideias, palavras, raciocínios, matéria e atos – tudo está em presença, em trocas mútuas e modificações recíprocas. [...] Mas o fato mais notável observado nesse estado é essa identidade ou igualdade de geração e de tratamento ou manuseio que afeta imagens ou ideias – de ESCALAS e de espécies as mais diferentes em sua ordem exterior de existência [...]. Aqui, a parte é tão grande quanto o todo, o fim precede o começo, a conclusão se adianta sobre as premissas, a forma engendra a matéria, o silêncio e a ausência engendram seus contrários – e a *vista* (percepção) se identifica (no instante) com a *organização – Intuição*.

É tal fase que é o princípio supremo das combinações mais gerais, – a fusão dos heterogêneos – N+S (VALÉRY, 1974b, pp. 1.024-1.025; e XIII, pp. 273-274, grifos nossos).³⁷

37 “Le secret ou l’exigence de la composition est que chaque élément invariant doit être uni aux autres *par plus d’un lien*, par le plus g[ran]d nombre possible de liaisons d’espèce différente – et entre autres – la forme et le contenu qui sont des éléments absolument *comme des personnages ou des thèmes* – (dans cette phase)./ Car dans l’enceinte mentale du créateur l’attention à la forme, et l’attention-personnage (par exemple) *sont de même substance*./ En d’autres termes, dans cette enceinte de temps vivant il y a... *épartition de l’énergie!* – détail, ensemble, moyens et fins, moi et idées, mots, raisonnements, matière et actes – tout est en présence, tout en échanges mutuels et modifications réciproques. [...]/ Mais le fait le plus remarquable qui s’observe en cet état est cette identité ou égalité de génération et de traitement ou de maneiement qui affecte des images ou idées – d’ECHELLES et d’espèces les plus différentes dans leur ordre extérieur d’existence [...]. Ici la partie est grande comme le tout, la fin précède le commencement, la conclusion devance les prémisses, la forme engendre la matière, le silence et l’absence engendrent leurs contraires – et la *vue* (perception) s’identifie (dans l’instant) avec *organisation – intuition*./ C’est cette phase qui est le principe suprême des combinaisons les plus générales, – *la fusion des hétérogènes* – N + S.”

Essa equipartição de energia entre os heterogêneos, ao interligar suas partes por mais de um elo – em planos diferentes, por exemplo, o da forma e o do conteúdo, com as diferentes materialidades e normatividades que constituem cada um – e atravessar as mais diversas escalas de grandeza, suscita as modificações recíprocas do conjunto e do detalhe, torna a parte tão grande quanto o todo, equivoca o continente e o conteúdo, os meios e os fins, sobredetermina os diferentes sistemas ao longo de um silêncio criador, de uma ausência presente, de um fim inaugurante, uma boca que escuta, ouvido que fala etc... ao longo dessas variações, como observamos, a modulação – nem contínua, nem descontínua, virtualizando a intensidade entre o contínuo e o discreto, fazendo hesitarem as estrias do articulado sobre as pulsações da matéria – revela as *nuances* qualitativas, os detalhes mais matizados da experiência, os números mais sutis (N+S).

A busca de Valéry pelos N+S percorre os *cahiers*, a decimal extrema desdobrada no refinamento contínuo da acoplagem entre os heterogêneos, decimal cuja constituição mesma possui um caráter intervalar, equivocada entre medidas de grandeza imensuráveis entre si e irredutivelmente inacabado, um inacabamento produtivo, aberto à latência do acaso, o que significa que esse refinamento modulatório não é cumulativo, pois permanece constantemente atado ao hesitante ato poético em *contradição* (VALÉRY, 1974a, p. 829). Como visto, nesse ato, pensar e ser se equivocam, “ὕλη=νοῦς” [matéria=espírito] (VI, p. 232), a experiência é repetidamente sobredeterminada por mais de uma variação qualitativa, mais de uma correlação de diferenças intensivas, mais de um elo entre as partes, mais de um sistema de conexões, e é precisamente ao prolongar a hesitação entre o arbitrário e o necessário nas acoplagens dos heterogêneos que as sutilezas e *nuances* reverberam, tão produzidas quanto produtoras, ativas e passivas, como o poeta e seu ouvido falante, ou os dedos de um violinista, que não apenas tocam, mas também escutam e dançam (VII, p. 768).

Nesse sentido, as sutilezas sobredeterminadas da modulação valeriana permitem *dar especificidade ao heterogêneo*, sem reduzi-lo à figura da exceção de um si mesmo já posto, sem transformá-lo no não-X (sendo X o nome de tudo aquilo que é atribuído ao “si”, identidade, ordem etc.) ou no anti-X, que ora deve ser expurgado a qualquer custo, ora se torna a própria tábua de salvação e purificação dos pecados do “si”. Nos detalhes mais sutis deslizando entre o categorial e o permutável, nos matizes espectrais e *nuances* quasi-matéricas que fletem e refinam continuamente a dobra do dentro e do fora, do continente e do conteúdo, do formal e do

significativo, as pulsações qualitativas heterogêneas tornam-se *pensáveis* – poeticamente pensáveis, pensamento com corpo e *hylé*, bem entendido – e mesmo *combináveis*, ganhando um modo de determinidade que não se positiva, mas se sustém em hesitação, prolongando a variação espiralar do ato e seu entorno até o ponto em que vão se desconstruindo as oposições entre atual e potencial, relacional e ontológico, constativo e performativo – uma experiência de liberdade sem autonomia, heteronomia sem servidão, diria Derrida (2009, p. 269).

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Vol. I. Paris: Gallimard, 1974.
- CAMPOS, Augusto de. *Paul Valéry: a serpente e o pensar*. São Paulo: Ficções, 2011.
- CELEYRETTE-PIETRI, Nicole. Metamorphoses de Narcisse. *La Revue des Lettres Modernes: Paul Valéry* 1, n. 413-418, 1974, pp. 9-28.
- DERRIDA, Jacques. *Marges de la philosophie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.
- DERRIDA, Jacques. *Le Monolinguisme de l'autre*. Paris: Galilée, 1996.
- DERRIDA, Jacques. *Séminaire la Bête et le Souverain. – Volume I (2001-2002)*. Eds. Michel Lisse, Marie-Louise Mallet e Ginette Michaud. Paris: Galilée, 2008.
- DERRIDA, Jacques. *Vadios – dois ensaios sobre a razão*. Trad. Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2009.
- GOUX, Jean-Joseph. *Frivolité de la valeur: essai sur l'imaginaire du capitalisme*. Paris: Blussion, 2000.
- JALLAT, Jeanine. *Introduction aux figures valéryennes: (imaginaire et théorie)*. Pisa: Pacini Editore, 1982.
- MANIGLIER, Patrice. Surdétermination et duplicité des signes: de Saussure à Freud. *Savoirs et Clinique*, n. 6, 2005, pp. 149-160.
- MANIGLIER, Patrice. *La vie énigmatique des signes – Saussure et la naissance du structuralisme*. Paris: Éditions Léo Scheer, 2006.
- MANIGLIER, Patrice. Manifeste pour un comparativisme supérieur en philosophie. *Les Temps Modernes*, n. 288, 2015/1, pp. 1-61.
- MANIGLIER, Patrice. *The Embassy of Signs – An Essay in Diplomatic Metaphysics*. LATOUR, Bruno (Ed.). *Reset Modernity!* Cambridge: MIT Press, 2016, pp. 475-485.

- MARX, William. *Naissance de la Critique Moderne. La littérature selon Eliot et Valéry (1889-1945)*. Paris: Artois Presses Université, 2002.
- MARX, William. Les deux poétiques de Valéry. In: *Les colloques, Paul Valéry et l'idée de littérature*, 2011. Disponível em: <<http://www.fabula.org/colloques/document1426.php>>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- NANCY, Jean-Luc. *L'Expérience de la liberté*. Paris: Galilée, 1988.
- NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Métailié, 2000.
- NANCY, Jean-Luc. *À l'écoute*. Paris: Galilée, 2002.
- REY, Jean-Michel. *Paul Valéry, l'aventure d'une œuvre*. Paris: Éditions du Seuil, 1991.
- SAFATLE, Vladimir. Linguagem e negação: sobre as relações entre pragmática e ontologia em Hegel. *doisPontos*, Curitiba/São Carlos, v. 3, n. 1, 2006, pp. 109-146.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos – corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1972.
- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. La théorie du point-de-vue chez Paul Valéry. In: LEVAILLANT, Jean; PARENT, Monique. *Paul Valéry contemporain*. Paris: Librairie Klincksieck, 1974, pp. 237-249.
- SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.
- SISCAR, Marcos. *De volta ao fim: o 'fim das vanguardas' como questão da poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- STIMPSON, Brian. Toute la modulation de l'être – la musique qui est en moi. In: GIFFORD, Paul; STIMPSON, Brian. *Paul Valéry. Musique, mystique, mathématique*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1993, pp. 37-57.
- STIMPSON, Brian. Composer continu et discontinu: modulation et fragmentation dans l'écriture valéryenne. In: STIMPSON, Brian; CELEYRETTE-PIETRI, Nicole. *Paul Valéry 8, un nouveau regard sur Valéry*. Paris: Lettres Modernes, 1995, pp. 121-140.
- STIMPSON, Brian. An Aesthetics of the Subject: Music and Visual Arts. *Reading Paul Valéry: Universe in Mind*. Cambridge University Press, 1998, pp. 219-235.
- VALÉRY, Paul. *Oeuvres I*. Ed. Jean Hytier. Paris: Gallimard, 1957a.
- VALÉRY, Paul. *Oeuvres II*. Ed. Jean Hytier. Paris: Gallimard, 1957b.
- VALÉRY, Paul. *Cahiers I*. Ed. Judith Robinson-Valéry. Paris: Gallimard, 1974a.

- VALÉRY, Paul. *Cahiers II*. Ed. Judith Robinson-Valéry. Paris: Gallimard, 1974b.
- VALÉRY, Paul. *Cahiers 1894-1914, XII*. Ed. Nicole Celeyrette-Pietri e Robert Pickering, Prefácio de Jean-Luc Nancy. Paris: Gallimard, 2012.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 2, n. 1, 2004, pp. 3-22.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Encontros*. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- ZULAR, Roberto. Ficção como variação de contextos. In: GALLE, Helmut; PEREZ, Juliana P.; PEREIRA, Valéria S. *Ficcionalidades: uma prática cultural e seus contextos*. São Paulo: FFLCH/USP; Fapesp, 2018, pp. 377-398.
- ZULAR, Roberto. Complexo oral canibal. In: Colóquio Variações do Corpo Selvagem. Sesc Ipiranga, São Paulo, Brasil, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DMLrna2PZTQ>>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- ZULAR, Roberto. O ouvido da serpente: algumas considerações a partir de duas estrofes de “Esboço de uma serpente” de Paul Valéry. In: RIOS, Cleusa Rios Pinheiro Passos; ROSENBAUM, Yudith. *Interpretações: crítica literária e psicanálise*. Cotia: Ateliê, 2014, pp. 213-229.

Recebido: 21/11/2018

Aceito: 25/04/2019

Publicado: 13/12/2019